



GT 79. Sexo e o Dom: Etnografias das trocas afetivo-sexuais/comerciais

Coordenador(es):

Thaddeus Gregory Blanchette (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Adriana Gracia Piscitelli (Unicamp)

Sessão 2

Debatedor/a: Ana Paula da Silva (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Existe uma ambiguidade fundamental que se encontra na base das relações heterossexuais normativas engendradas, que revela-se na suposta natureza antagônica das trocas comerciais afetivo- sexuais e as relações afetivo- sexuais baseadas na reciprocidade. Nas culturas ocidentais em geral, essas duas formas de relações afetivo- sexuais tendem a ser entendidas como completamente diferentes e/ou separadas umas das outras (a teoria das “esferas separadas”), ou são configuradas como duas manifestações do mesmo fenômeno básico (a teoria “nada é diferente”). Como Viviane Zelizer aponta, porém, na vida vivida, a interação entre elas é complexa e ambígua. Nesse tipo de relação humana, onde as lógicas econômicas coincidem, se misturam, e até se co-constituem com lógicas morais e afetivas (e vice-versa), mas onde a prostituição e o amor são hegemonicamente entendidos como esferas separadas contraditórias, o “Ensaio Sobre o Dom”, de Marcel Mauss revela-se como valiosa contribuição para entender as (in)diferenças entre as várias formas de labuta/troca sexual e emocional. Nosso GT vai contemplar etnografias que exploram as complexidades e ambiguidades das trocas sexuais/afetivas, buscando desconstruir os dois modelos acima descritos. Preferencialmente daremos destaque para os trabalhos que situam essas trocas como fatos sociais totais dentro de cenários mais amplas de ação e valores, ilustrando a dialética entre a agência humana e as estruturas socioculturais em que essa é embutida.

Dávias materiais e relações sexuais: reflexões junto a mulheres de Nampula e Ilha de Moçambique

Autoria: Helena Santos Assunção (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O presente work busca trazer uma reflexão acerca dos temas das relações afetivo-sexuais e sua relação com as dávias materiais em um contexto não-ocidental, a partir de afirmações de amigas e interlocutoras que pensam o sexo em contextos matrimoniais como “serviço”, e que ensinam as mais jovens as artes da sedução, práticas vaginais e técnicas sexuais em rituais que antecedem o casamento. A pesquisa é baseada em works de campo realizados em 2015, 2017 e 2019 (totalizando 14 meses) nas cidades de Nampula e na Ilha de Moçambique (região norte de Moçambique), entre mulheres que se identificam como macuas ou macuas naharrás, e que realizam ritos de iniciação femininos conhecidos como mwali. Procuro compreender essas práticas a partir das próprias categorias nativas, que valorizam a expertise sexual, em detrimento de abordagens mais universalistas que entendem os ensinamentos dos ritos de iniciação como parte da submissão feminina e da reprodução do patriarcado. Nesse sentido, questiono o que pode acontecer com a própria noção de “work” ocidental quando pensada à luz do que essas mulheres colocam como um “serviço” feminino (um ‘serviço’ que deve ser pago, com presentes, especialmente capulanas [tecidos], ou dinheiro). Busco dialogar com autoras que pensam os temas do gênero e da sexualidade em contextos africanos, como Oyéronkè (1997), Amadiume (1997), Arnfred (2004, 2011, 2015), Helle Vale (2004), Haram (2004), para pensar também junto com as mulheres com as quais realizei a pesquisa de campo. Também interessa ter acesso, através das discussões do GT, a works que refletem sobre as trocas afetivo-sexuais em contextos



ocidentais e não-africanos, com o intuito de cruzar reflexões e comparar diferentes situações etnográficas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: